

Abordagem de convivencialidade aplicada à regeneração em paisagens alteradas após o desastre do Rio Doce¹

*Conviviality Approach applied to regeneration
in altered landscapes after the Rio Doce
disaster*

Bianca Silva*¹

Palavras-chave:

Rio Doce;
Desastre;
Regeneração;
Convivencialidade;
Ruínas.

Resumo: O Coletivo Aliança rio Doce foi criado no contexto do desastre na bacia do rio Doce, caracterizado pelo rompimento da barragem de rejeitos de mineração de Fundão em Mariana-MG e seus desdobramentos. Os rejeitos foram carregados pela bacia hidrográfica do rio Doce atingindo mais de 45 municípios entre os estados de Minas Gerais e Espírito Santo. O desastre será discutido acerca das críticas ao modelo de mineração vigente no Brasil, no qual são observadas as consequências socioambientais da chegada dos rejeitos em Regência Augusta, vila próxima à foz do rio Doce, no município de Linhares, estado do Espírito Santo. Nesse cenário apresentam-se a constituição e a atuação do Coletivo Aliança rio Doce, reunido em Regência Augusta. O coletivo tem como propósito a regeneração integral da bacia do rio Doce, e para isso trabalha com atividades como o Encontro de Cultura Ancestral, o Ciclo da Aroeira, o Festival de Moqueca Vegetariana e outros eventos ligados ao que eles elencam enquanto resgate ancestral. Dessa forma, buscamos apresentar as atividades do Coletivo Aliança rio Doce e evidenciar a sua aproximação com as noções de convivencialidade de Ivan Illich (1975), enquanto elemento de reflexão sobre alternativas e modos de existir em paisagens alteradas.

Keywords:

Rio Doce;
Disaster;
Regeneration;

Abstract: *The collective Aliança rio Doce was created in the context of the disaster in the Doce River basin, characterized by the rupture of the Fundão mining tailings dam in Mariana-MG and its progression. The tailings were carried by the Doce River*

¹ Recebido em 15/12/2020. Aceito em 19/03/2021.

*¹ Doutoranda em Ambiente e Sociedade pela Universidade Estadual de Campinas, vinculada ao Núcleo de Estudos e Pesquisas Ambientais; mestra e graduada em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Espírito Santo. E-mail: biancacsoufes@gmail.com.

Conviviality; Ruins. watershed reaching more than 45 municipalities between the states of Minas Gerais and Espírito Santo. The disaster will be discussed over critiques of the current mining model in Brazil, in which the socio-environmental consequences of the arrival of tailings in Regência Augusta, a village near the mouth of the Doce river, in the municipality of Linhares, state of Espírito Santo, are observed. In this scenario, the constitution and the performance of the Coletivo Aliança rio Doce, gathered in Regência Augusta, are presented. The collective aims at the integral regeneration of the Doce River basin, and for that it works with activities such as the Ancestral Culture Meeting, the Aroeira Cycle, the Festival of Vegetarian Moqueca and other events related to what they list as an ancestral rescue. Therefore, we seek to present the activities of the collective Aliança rio Doce and demonstrate their approximation with the notions of conviviality of Ivan Illich (1975), as an element to reflect on alternatives and conditions of existing in altered landscapes.

Introdução²

As discussões apresentadas aqui sobre o desastre na bacia do rio Doce emergem a partir de trabalhos de campo realizados entre os anos 2015-2018 na região da foz do rio Doce no litoral do estado do Espírito Santo. Os trabalhos foram efetivados juntamente com o Grupo de Estudos e Pesquisa em Populações Pesqueiras e Desenvolvimento (GEPPEDES), vinculados a realização do programa de extensão: “Áreas protegidas e grandes projetos de desenvolvimento no horizonte de vivências das comunidades locais: os impactos socioambientais e seus desdobramentos” (Edital PROEXT-2016), e com a elaboração da pesquisa de mestrado pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, da Universidade Federal do Espírito Santo (PGCS-UFES)³. Dessa forma, o levantamento de dados está inserido em um processo coletivo de atividades de campo, tendo em vista as diferentes dimensões do sofrimento social para basear as abordagens, entrevistas e coleta de dados em comunidades atingidas (DAS, 1995; SILVA, 2010).

² O artigo é uma versão do trabalho “Coletivo Aliança rio Doce Convivialidade e Regeneração no Desastre na Bacia do rio Doce” discutido no Grupo de trabalho “Lugares, paisagens e territórios em ruínas: negociações em situações de restrições, de deslocamentos, de perdas, de crises e/ou de desastres”, durante o Encontro da Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Ambiente e Sociedade, IX ENAPPAS, realizado em 2019 na Universidade de Brasília.

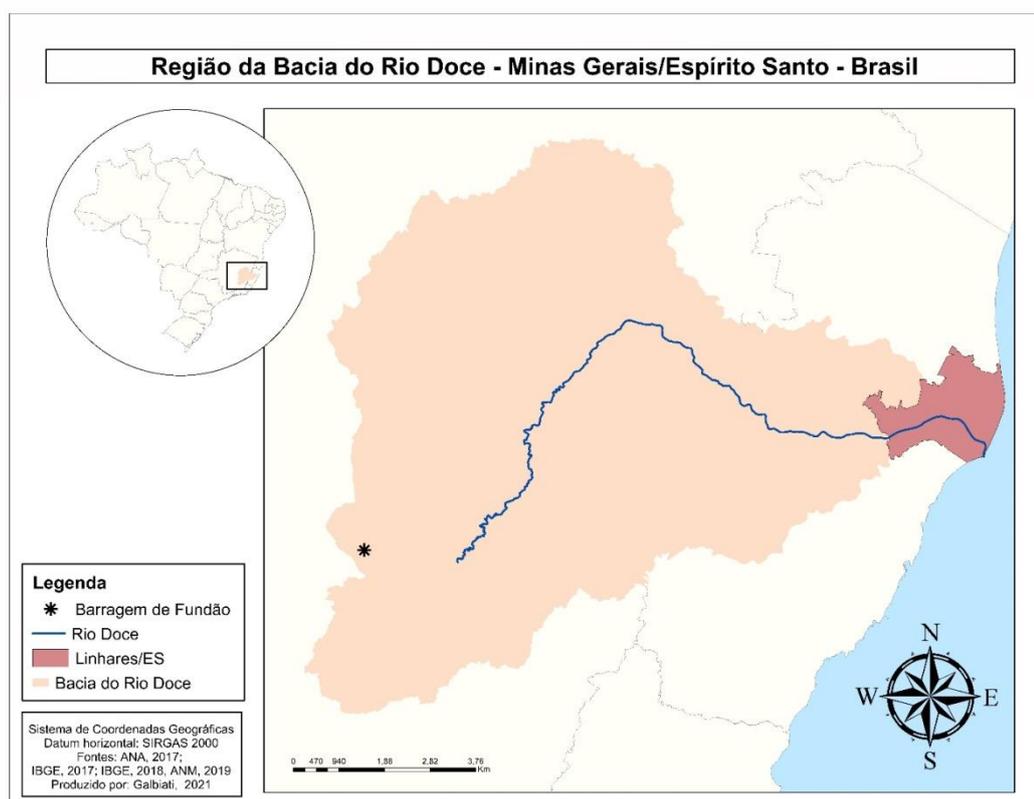
³ A pesquisa de mestrado teve como produto a dissertação “A LAMA QUE ROLOU DE CIMA”: Alguns desdobramentos sociopolíticos e sociotécnicos sobre as águas do rio Doce e do Oceano Atlântico na região da Foz, após o rompimento da barragem de Fundão - MG (SILVA, 2018), que investigou as noções sobre as águas na região da foz do rio Doce. Em 2018, a dissertação foi premiada junto à Esocite.br.

Os elementos aqui apresentados foram elaborados de modo mais sistemático no desenvolvimento da pesquisa de mestrado, na qual o escopo do trabalho de campo se complementa com as abordagens de Strathern (2014) e Wagner (2010), as quais recolocam os olhares dos antropólogos para as profundidades que podem ser apresentadas na realização de campo e nas análises dos dados etnográficos. Durante a elaboração dos trabalhos de campo foi possível acompanhar parte das atividades do Coletivo Aliança rio Doce, nas quais pode-se evidenciar as motivações, formas de leituras sobre os desastres e os encaminhamentos possíveis para o grupo frente às maneiras de resistir e regenerar territórios devastados pelos desdobramentos da grande mineração de ferro. Com isso, busca-se evidenciar as dimensões do Coletivo Aliança rio Doce a partir da observação e da participação em: atividades junto ao coletivo, acompanhamento online da atuação em redes sociais do grupo, e duas entrevistas realizadas nesse contexto. As entrevistas foram realizadas buscando compreender de que modo os entrevistados estavam experienciando o desastre, e, a partir destas, aponta-se para de que modo esses elementos dialogam com as noções de convivialidade de Ivan Illich (1975) enquanto forma de resistir nos contextos alterados.

O desastre da bacia do rio Doce⁴ está vinculado ao rompimento da barragem de rejeitos de mineração de Fundão que ocorreu em Mariana-MG (Figura 1). A barragem faz parte do complexo minerário da empresa Samarco e suas controladoras são Vale S.A. e BHP Billiton (MILANEZ; LOSEKANN, 2016). O rompimento da barragem ocorreu no dia 05 de novembro de 2015, liberando cerca de 40 milhões de metros cúbicos de rejeitos de mineração de ferro, e que passou a ser analisado enquanto um dos marcos temporais para acionar o desastre, inserido nas reflexões e nos questionamentos sobre o caráter do desastre como anterior ao rompimento da barragem (ZHOURI et al., 2016) e à sua continuidade (CREADO et al., 2017). As dinâmicas de antecedentes e continuidades dos desastres são formas de observar os elementos críticos de grandes eventos, como aborda Venna Das (1995).

⁴ "A Bacia Hidrográfica do Rio Doce possui área de drenagem de 86.715 quilômetros quadrados, dos quais 86% estão no Leste mineiro e 14% no Nordeste do Espírito Santo. Disponível em: <http://www.cbhdoce.org.br/institucional/a-bacia>." Último acesso em: 15/11/2020.

Figura 1: Mapa da região da Bacia Hidrográfica do Rio Doce, nos estados de Minas Gerais e Espírito Santo, município de Linhares/ES, curso do Rio Doce e localização da barragem de Fundão no estado de Minas Gerais.



Fontes: Elaborado pela autora, 2021.

A partir dos trabalhos do Grupo de Estudos e Pesquisa em Populações Pesqueira e Desenvolvimento (GEPPEDES) (CREADO; TRIGUEIRO; TORRES, 2018), e do Núcleo de Estudo, Pesquisa e Extensão em Mobilizações Sociais (ORGANON) (LOSEKANN et al., 2015), ambos vinculados à Universidade Federal do Espírito Santo; e dos trabalhos dos grupos de pesquisa de universidades de Minas Gerais, como o Grupo de Estudos em Temáticas Ambientais (GESTA), vinculado à Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) (ZHOURI et al., 2016), e o Grupo Política, Economia, Mineração, Ambiente e Sociedade (PoEMAS) (MILANEZ; LOSEKANN, 2016), da Universidade Federal de Juiz de Fora, destaca-se que a proporção do desastre abarca relações com as áreas atingidas, vítimas fatais, pessoas e organizações mobilizadas, além de ruptura com os modos de vida das pessoas atingidas (CREADO; HELMREICH, 2018).

As universidades e grupos de estudos citados passaram a fazer parte dos processos de análise e enfrentamento do desastre, tendo em vista os envolvimento jurídicos, religiosos, científicos e políticos em torno do mesmo (LOSEKANN; MAYORGA, 2018), e de que forma são abordados os processos históricos e econômicos do contexto (MILANEZ et al., 2016; ZHOURI et al.,

2016). Os trabalhos realizados pelos grupos destacados apontam para relações impostas pelo desastre, nas quais as ausências⁵ e as implicações são mobilizadas na vida das pessoas atingidas em toda a bacia hidrográfica do rio Doce. Os autores e grupos de pesquisa apresentam formas diversas de analisar o desastre, não somente sobre os modos em que são compreendidos os seus desdobramentos⁶, mas também as mobilizações e as formas de reagir e resistir nos espaços alterados pela chegada dos rejeitos de mineração de ferro.

A investigação sobre o Coletivo Aliança rio Doce sediado na vila de Regência Augusta no litoral do município de Linhares-ES, inserido nesse cenário tem como objetivo a indicação de que, a partir das noções de convivialidade de Ivan Illich (1975), pode-se compreender as motivações e implicações da atuação do coletivo em relação ao desastre e à composição que os membros do coletivo acionam enquanto regeneração integral, observando as paisagens a partir das indicações de Tsing (2019) sobre a composição mais que humana dos contextos e de que modo estabelecer análises nas quais esses aspectos sejam incorporados.

Regeneração integral nesse contexto se expressa a partir do modo que o rio Doce evidencia as profundidades individual, coletiva, espiritual, política, afetiva, humana e não humana, que são mobilizadas nos desdobramentos do desastre, passando pelos processos de cura, busca pela ancestralidade e indicativos de caminhos possíveis fora da lógica imposta pela mineração nos territórios afetados. Sendo assim, regeneração integral então passa a ser relacionada com a proposta de Illich (1975) sobre a convivialidade, na qual o autor apresenta críticas ao modelo industrial, sendo essas pautadas em processos coletivos e na retomada das relações com as ferramentas, apontando para a capacidade de produção de experiências e realidades fora da lógica industrial. Para o autor essas práticas tornam-se resistências para as quais se faz necessária a retomada da autonomia dos sujeitos em relação aos arranjos e engajamentos (ILLICH, 1975). Nota-se ainda que essas relações com os espaços e as propostas que evidenciam formas de existir e resistir às alterações destruidoras estão em diálogo com as proposições contemporâneas sobre

⁵ Ausências nesse contexto dialoga com as dimensões propostas em Das (1995) enquanto categoria que abarca aspectos em contextos alterados, nos quais as ausências e os silêncios são parte das histórias. Com isso, ausências podem representar elementos materiais, práticos, simbólicos, e outros, que, no caso do desastre na bacia do rio Doce, podem ser compreendidos de diferentes formas ao longo da bacia.

⁶ É importante destacar que passados três anos do rompimento da barragem de Fundão, outro desastre ligado à grande mineração de ferro ocorreu no estado de Minas Gerais. A barragem B1 na Mina do Córrego do Feijão em Brumadinho rompeu liberando cerca de 12 milhões de metros cúbicos de rejeitos de mineração de ferro. Os rejeitos liberados devastaram casas próximas à mina, e foram carregados até o rio Paraopeba (FREITAS et al., 2019).

aterrar (LATOURE, 2020) e a composição das atividades em dimensões multiespecíficas (TSING, 2019).

Portanto, para discutir de que forma o Coletivo Aliança rio Doce e sua organização no território alterado pelo desastre dialogam com o conceito de convivencialidade, segue-se apresentando primeiro a vila de Regência Augusta, comunidade que abriga o coletivo e compõe o cenário de relações com o território e se insere na dimensão do desastre. Em seguida, serão evidenciadas as formas de fundação e bases nas quais o coletivo se organiza em torno da regeneração em espaços alterados. E, para finalizar, expõem-se as relações que os coletivos constroem e de que modo podem ser analisadas enquanto aspectos presentes na crítica radical de Ivan Illich (1975).

Regência Augusta

As formas de narrar a região da foz do rio Doce são permeadas por instâncias e elementos importantes para compreender a comunidade, como as relações com a pesca e o surfe. A formação da comunidade passa pela história do Caboclo Bernardo, que ganhou o título de herói depois de salvar 128 pessoas em um naufrágio na região (BRAGA, 1949). Até os dias de hoje os feitos de Caboclo Bernardo são lembrados e comemorados na vila, inclusive com a realização da festa anual que leva o nome do herói local,

O ato heroico relatado acima se faz presente no imaginário dos pescadores de Regência que precisam transpor a fúria do mar na Boca do Rio como Bernardo José dos Santos o fez para salvar vidas desconhecidas. Anualmente tal feito heróico é lembrado através da "Festa do Caboclo Bernardo", que acontece próximo ou na data de seu falecimento. [...] A presença imaginária do pescador Caboclo Bernardo faz parte de uma autorepresentação dos pescadores, na qual estão expressos os elementos de uma bravura cotidiana (BICALHO, 2011, s/p).

Os enredamentos entre a comunidade e o Caboclo Bernardo foram tratados também a partir da religião e da etnicidade da comunidade por Valim (2008), reforçando a importância da representação dele para a formação da comunidade, de modo que os vínculos do herói com as águas são importantes aspectos que compõem as dimensões de horizontes possíveis na região da foz do rio Doce.

Caboclo Bernardo é anunciado a partir do envolvimento com as águas, elemento que marca a vila de Regência Augusta, tendo em vista o encontro das águas do rio Doce com as do Oceano Atlântico, e, dentre esses elementos vinculados às águas, o surfe emerge enquanto aspecto que faz parte das formas de narrar as especificidades da vila,

O surf começou em Regência no final dos anos 70 e já são mais de 30 anos que o esporte faz parte da atmosfera da Vila, fato intimamente ligado à economia e às linguagens e atributos da vila. Aos poucos, surfistas e amantes de Regência foram adquirindo terrenos na pacata vila de pescadores e se integrando à comunidade local. As boas ondas geradas na foz do Rio Doce ganharam muita visibilidade no cenário nacional do esporte na última década e são retratadas em inúmeras reportagens [...] (SALDANHA, 2018, p. 102).

Como pode-se observar em Saldanha (2018), as ondas de Regência são nacionalmente conhecidas pelo tipo de ondulação que oferecem, sendo um elemento importante que atraiu e atrai turistas e pessoas que passaram a se dedicar a essa atividade e permaneceram na vila para fazer manutenção das relações com o mar e com as ondas que ele proporciona. A permanência de pessoas na vila devido à prática do esporte foi sinalizada por Saldanha (2018) e não raro encontram-se falas entre as pessoas da comunidade que foram atraídas pelas ondas de Regência, como observado também em Paula (2018).

A pesca enquanto vínculo com as águas se fez presente em grande parte das investigações na região, não somente nas falas. É possível notar ao caminhar pelas ruas de Regência que a pesca é um elemento presente pela frequência com que se encontram redes de pesca nas casas e barcos no porto. Esses aspectos são apresentados a partir de cenário complexo em relação ao desenvolvimento e aos problemas socioambientais e sociotécnicos que emergem na região (FONTINELLI; CREADO, 2020), desenvolvidos de modo sistemático por Leonardo (2014) no que tange às dimensões da pesca enquanto modos de viver e trabalhar em Regência. Dessa forma, entendem-se as possibilidades em relação à potencialidade da Vila e às diferentes formas de resistência que o território enfrenta e já enfrentou.

Os atrativos em relação à vivência na vila de Regência foram observados em diversas falas durante o contato com as pessoas nas atividades de campo. Os aspectos cênicos da pequena comunidade que recebe o encontro das águas do rio Doce com o oceano foram acionados diversas vezes em entrevistas realizadas durante as pesquisas de campo dos anos de 2015 e 2018, e esses aspectos parecem funcionar enquanto atributos de Regência. Com isso, passa-se a observar essas dinâmicas na região da foz do rio Doce como elementos importantes nas escolhas dos membros da Aliança rio Doce, que sinalizam que se sentiram atraídos e convocados pelo rio Doce, por eles chamado de Watu, a partir das aproximações com os Krenak,

O rio Doce, que nós, os Krenak, chamamos de Watu, nosso avô, é uma pessoa, não um recurso, como dizem os economistas. Ele não é algo de que alguém possa se apropriar; é uma parte da nossa construção como coletivo que habita um lugar específico, onde fomos

gradualmente confinados pelo governo para podermos viver e reproduzir as nossas formas de organização (com toda essa pressão externa). (KRENAK, 2019, p. 40).

E o chamado os colocou para fazer morada e buscar os caminhos da regeneração da bacia a partir da região da foz.

Dessa forma, as justificativas apresentadas pelos membros do Coletivo Aliança rio Doce para indicar a escolha de Regência se caracterizam principalmente por dois aspectos. O primeiro vinculado ao chamado do Watu para trabalhar na foz do rio, entendido como central na narrativa do grupo. E o segundo, é o retorno ao lugar de memória, nos casos dos membros que estabeleciam relações com a vila antes do desastre. Desse modo, as representações sobre as águas em Regência são fortemente presentes não somente para caracterizar a Vila, mas também como enredamentos.

Portanto, é interessante notar que a chegada dos rejeitos de mineração de ferro, pelo carreamento pelas águas do rio Doce, e o encontro com as águas do Oceano Atlântico evidenciam alterações não somente dos aspectos práticos, que foram mobilizados pela forma de pontuar a recuperação da vila, mas enquanto elementos que podem ser identificados como viscerais (TADDEI, 2014b) para a constituição da comunidade. Assim, a chegada dos rejeitos torna-se novamente protagonista quando o Coletivo Aliança rio Doce se organiza em torno do chamado do Watu, que pode ser, de modo pouco complexo, apresentado enquanto as águas do rio Doce e os enredamentos que compõem.

Para compor a ideia da importância da vila indica-se o ponto de referência do Coletivo Aliança rio Doce: a casa que recebe o nome coletivo Casa Rosa, espaço utilizado para a realização de diversas atividades da Aliança, ponto de encontro, reuniões e eventos. De acordo como o grupo, a Casa Rosa foi pensada para receber as crianças da vila a partir da ausência do lazer no rio e no mar e diante das incertezas em relação à contaminação das águas. A casa funciona como espaço de educação não-formal e alternativa para as crianças que podem participar de aulas de pintura, música, língua estrangeira e outras atividades. As atuações na Casa Rosa realizam-se enquanto instrumentos lúdicos diante da ausência das práticas que as crianças estavam acostumadas na região da foz, como o típico mergulho no portinho, no qual as crianças se divertiam subindo nos barcos e dando saltos cada vez mais elaborados nas águas do rio Doce.

Dentre outros espaços de referência, encontram-se também as casas dos membros que tinham contato com a vila antes do desastre, e destacam-se duas casas como importantes nesse processo. A primeira casa está vinculada ao envolvimento de seu dono em ações relacionadas ao surfe e à comunidade a

partir de projetos vinculados à cultura. E a segunda casa pertence a um casal que passava férias na Vila, e após aposentadoria fez da Vila residência permanente. Os vínculos com Regência e a escolha por morar na comunidade apresentados a partir dessas duas casas são relacionáveis com as justificativas apresentadas pelos autores citados acima, no sentido de que Regência emerge enquanto um lugar que atrai para permanência e, nesses casos, não somente uma morada, mas um espaço no qual viver significa transformar, e as transformações são expressas na busca pela regeneração integral.

A regeneração integral se apresenta no coletivo enquanto forma de aprofundar as relações com o rio Doce e caminhar por processos de cura, nos quais estão estabelecidas as relações com o território, com os entes e com as pessoas humanas que compõem a bacia hidrográfica do rio Doce. A dimensão integral da regeneração também é estabelecida enquanto uma crítica sobre as propostas de reparação da bacia do rio Doce, como no caso das propostas e atividades tocadas pela Fundação Renova, criada “Por meio de “Termo de Transação e de Ajustamento de Conduta” (TTAC) [...] uma organização privada responsável pela recuperação, mitigação e compensação dos impactos socioeconômicos e socioambientais do rompimento da barragem do Fundão” (SANTOS; MILANEZ, 2018, p. 134).

O desastre é entendido, ainda pelo coletivo, enquanto elemento de um modelo de relação com o território que aprofunda o adoecimento e anestesia as relações, como um processo que desconecta as pessoas dos seus vínculos e adormece as relações que compõem as paisagens da bacia do rio Doce. Paisagens, nesse contexto, se estabelece em diálogo com a profundidade e as complexidades dos vínculos presentes nos territórios, assim como propõe Anna Tsing (2019). Com isso, a regeneração integral, ancorada no resgate ancestral, evidencia os elementos que conformam historicamente a resistência do modo de vida na bacia do rio Doce em cenários alterados, contrapondo as dimensões que são apontadas na elaboração e implementação da reparação/recuperação adotada pelas empresas responsáveis pelo desastre.

Os aspectos observados e relacionados às águas, apontam para a vila de Regência enquanto lugar escolhido pelos membros da Aliança rio Doce, pois acreditam na regeneração não somente do rio Doce, mas das comunidades que fazem parte dele e das pessoas que estão ligadas a ele. Portanto, a vila de Regência, abrigo de ondas especiais, lugar de encontro das águas e protegida pelo herói Caboclo Bernardo, se fez a casa do Coletivo Aliança rio Doce que busca, após o desastre, a regeneração integral da bacia do rio Doce, a qual será apresentada a partir das atividades realizadas por este coletivo.

Coletivo Aliança rio Doce

As indicações sobre o coletivo serão apontadas mediante os contatos realizados durante o trabalho etnográfico na região da foz do rio Doce, como mostrado acima, e a partir de levantamento de dados online realizado nos sites do coletivo.⁷ A identificação e o acesso às atividades realizadas pelo Coletivo Aliança rio Doce se deram durante as atividades de campo que ocorreram entre 2016 e 2018 na região da foz do rio Doce para a elaboração da pesquisa de mestrado (SILVA, 2018). O primeiro contato se deu a partir da participação em uma pesquisa, na qual um dos membros do coletivo estava entre as figuras de coordenação. O trabalho foi realizado na região da foz do rio Doce e discutiu os desdobramentos da chegada dos rejeitos no litoral do estado do Espírito Santo, e deu origem ao relatório "*Rompimento da barragem de Fundão (SAMARCO/VALE/BHP BILLITON) e os efeitos do desastre na foz do Rio Doce, distritos de Regência e Povoação, Linhares (ES)*" (LEONARDO et al., 2017).

No ano de 2017, os meus encontros com membros do Coletivo Aliança rio Doce tornaram-se mais frequentes quando um dos membros passou a ser uma figura importante no desenvolvimento do trabalho de campo para realização da pesquisa do mestrado. A partir dessa aproximação, acentuou-se a convivência com outros membros do grupo. Dessa forma, entre conversas informais, os elementos do coletivo passaram a ser apresentados de forma mais sistemática, devido minha participação em algumas atividades, reuniões e eventos. Isso passou a evidenciar o que estava sendo elaborado enquanto regeneração pelo grupo, como registrado em entrevista da seguinte forma:

[...] a gente tá chamando de processos de regeneração, que é desenvolver medidas urgentes que consigam mitigar, sabe, a partir da, inclusive, a partir da Ciência, da Arte, das relações comunitárias entendeu. Da economia solidária, de várias outras ferramentas sociais, como que elas podem dar permacultura, como que elas podem ajudar, dar soluções imediatas por problemas, em relação à contaminação da água, da organização trata. Inclusive, né, para fomentar a organização comunitária que vai desdobrar em luta [...] (Entrevista realizada pela equipe do GEPPEDES, fevereiro de 2017).

Sendo assim, o Coletivo Aliança rio Doce é formado principalmente por comunicólogos, artistas, permacultores e empreendedores sociais que se

7 Disponíveis em: <http://www.regenerariodoce.org/>; <http://aliancariodoce.weebly.com/> e http://wikiriodoce.org/P%C3%A1gina_principal. Último acesso em: 25/06/2019.

reuniram para atuar no desastre na bacia do rio Doce. Esses atores são de diferentes regiões do país e contam com membros de outras nacionalidades que chegaram ao distrito de Regência após o desastre, e assim se colocam:

Após o Crime da lama que colocou a Bacia do Rio Doce em Crise Socioambiental, o movimento de regeneração do Rio Doce torna-se inevitável. É nesse entusiasmo de transformar a realidade inaceitável que nasce a Aliança Rio Doce. Uma rede de apaixonados pelas Águas. Seres que moram dentro e fora da Bacia e que tem vivo o objetivo de Regenerar o Rio Doce a partir de uma escolha pessoal de transformação espiritual e coletiva. (Disponível em: WIKIRIODOCE.COM. Último acesso em: 25/06/2019).

O coletivo tem uma agenda de atividades que compreende diversas formas de atuação no contexto de desastre, entre ações contínuas e atividades eventuais. Dentre essas, cabe destacar as ações que estão vinculadas ao reconhecimento e à retomada dos elementos tradicionais do território, que incorporam formas de atuar com o rio, o mar, a terra, as plantas, os animais, o território e as pessoas atingidas pelos rejeitos de mineração, enquanto um aspecto integral que passa pela temporalidade, na qual o passado, o presente e o futuro da região atingida são constituidores do processo de regeneração.

Como exemplo de atividade eventual⁸ realizada, indica-se Encontro de Cultural Ancestral de Areal, como o que ocorreu em julho de 2017. O encontro foi realizado juntamente com as atividades do festival Regenera rio Doce⁹ e teve como objetivo reunir colaboradores, dentre eles os moradores de Areal, comunidade rural do município de Linhares-ES, lideranças indígenas do médio rio Doce e outros parceiros dos coletivos, para discutir os elementos que representam os ensinamentos a partir da história da foz do rio Doce. Dentre esses elementos destaca-se a cata de almescla,¹⁰ a queima de cerâmica e a troca de sementes crioulas, enquanto ações que promovem a dinâmica entre os tempos e as tradições que se mantêm no rio Doce.

Das atividades realizadas pelo coletivo, destaca-se outro evento na região da foz do rio também realizado em 2017, o Festival de Moqueca Vegetariana.

⁸ A captação de recursos do coletivo emerge a partir de empresas financiadoras, como a Lush Cosmetics, do Reino Unido, de vínculos com a Cáritas Brasileira e de atividades como oficinas e elaboração de atividades fora do território da bacia do rio Doce.

⁹ O Festival Regenera rio Doce foi realizado durante os 5 anos do rompimento da barragem, tendo uma versão especial online durante a pandemia da Covid-19 no ano de 2020.

¹⁰ Nome da resina retirada de árvore que leva o mesmo nome e é comum na Mata Atlântica, utilizada durante o festival para incorporação nos cachimbos.

Neste, o preparo de moquecas¹¹ sem o pescado deu espaço para as discussões sobre a proibição da pesca, alternativas para a segurança alimentar, apontando para frutos e vegetais da região que podem ser incorporados na alimentação das pessoas atingidas na região da foz do rio Doce. Essas discussões são indicativos de como a experiência na área pode ser observada a partir de outros elementos que a compõem, como a moqueca de caju, fruto abundante na região, associado à manutenção da feitura da moqueca, traduzida não somente como um prato típico, mas como um hábito alimentar que reúne as pessoas. E essas reuniões e manutenção do prato, colocando a fruta como alternativa, aponta para a possibilidade de discutir não somente as possíveis mudanças, mas as dimensões de afetação experienciadas pelas pessoas, tendo em vista a troca e as conversas durante o festival. Isso indica que estes eventos têm como objetivo receber os convidados, apresentar as dinâmicas e potencializar os vínculos ao longo do rio Doce.

Dentre as atividades contínuas consideradas importantes para as transformações cotidianas na vila, aponta-se a Oficina Corpo Vivo, na qual os movimentos das práticas de yoga são pensados a partir da reconexão com o Watu, realizadas no portinho na beira do rio Doce na Vila de Regência.¹² Além disso, destacam-se ações nas quais as agências dos entes não-humanos são evidenciadas de modo mais sistemático, como o vínculo com as abelhas sem ferrão e o cultivo de plantas nativas da região, como aroeira e baleeira, que são utilizadas para curas.

A cooperação das abelhas sem ferrão é entendida como uma atividade que recompõe a renda, tendo em vista o cenário econômico precário da vila após a chegada dos rejeitos e as ausências das atividades tradicionais da região como a pesca. E o caso das abelhas ainda abre a discussão sobre a importância da biodiversificação, para a qual a abelha é central. As plantas são entendidas enquanto entes e expressões da regeneração e sua presença na vila narra a demanda do território por cura e cuidados, e esses tratamentos estão em diálogo com as plantas na feitura de chás, óleos essenciais e pomadas, entendidos como processos nos quais todas as suas etapas expressam a conexão com o território no caminho da regeneração, seja na produção, no cuidado e ou no uso das expressões de regeneração.

¹¹ Prato típico no estado do Espírito Santo em que o preparo leva pescado como ingrediente principal. Disponível em: <http://www.vitoria.es.gov.br/cidade/moqueca-capixaba>. Último acesso em: 17/08/2018.

¹² Durante a pandemia da Covid-19, as atividades passaram por adaptações, transitando para a realização online e também para adequações visando distanciamento social e utilização de equipamentos recomendados para atividades que possam ser realizadas presencialmente.

As práticas associadas à regeneração serão apontadas em suas atuações, formas de organização e justificativas presentes nos agenciamentos da Aliança rio Doce, as quais podemos pensar a partir das colocações de Ingold (2015):

Para recuperar o rio, precisamos mudar nossa perspectiva de relação transversal entre objetos e imagens para as trajetórias longitudinais de materiais e de conscientização. Lembre-se da ideia de Hagerstrand de que tudo o que existe, lançado a corrente do tempo, tem uma trajetória de devir. O entrelaçamento de trajetórias que sempre se estendem compreende a textura do mundo. Se a nossa preocupação é habitar este mundo ou estudá-lo – e, no fundo, as duas coisas são as mesmas, uma vez que todos os habitantes são estudantes e todos os estudantes habitantes – a nossa tarefa não é fazer um balanço do seu conteúdo, mas *seguir o que está acontecendo*, rastreando as múltiplas trilhas do devir, aonde quer que elas conduzam. Rastrear esses caminhos é trazer a antropologia de volta à vida (INGOLD, 2015, p. 41).

A dimensão de retomar a vida se faz presente em todas as atividades e expressões que compõem o coletivo, sendo essas organizadas e observadas a partir de marcas históricas e exemplos de resistências (KRENAK, 2019). As implicações sobre as formas de acionar o território e o rio Doce são tônicas no processo de identificação dos elementos de regeneração, de modo que conhecimentos são incorporados a partir de vínculos com os territórios (TADDEI, 2014b). Além disso, as dinâmicas entre o grupo para a realização das atividades citadas são interessantes de serem observadas tendo em vista as noções de convivencialidade de Illich (1975), no sentido de que as formas de se organizar e pautar os processos de regeneração passam por elementos que podem ser encontrados na obra do autor. Esses aspectos serão analisados a seguir enquanto formas de pensar as posturas em relação ao desastre.

Convivencialidade e regeneração

O modo pelo qual os elementos e os agentes da regeneração emergiram durante as atividades de campo são pensados enquanto aspecto e reflexão sobre o que o desastre produziu:

A particularidade da antropologia é que a criatividade do antropólogo depende de outra (e de outrem): aquela das pessoas com quem escolheu conviver durante um período de sua vida. Aqui tocamos num ponto fundamental, pois o

reconhecimento da criatividade daqueles que "estudam" é, para Wagner, condição de possibilidade da prática antropológica. Mais do que isso, o antropólogo deve estar preparado e disposto a assumir duas premissas: reconhecer naqueles que estuda o mesmo nível de criatividade que crê possuir; não assimilar a forma, ou o "estilo", de criatividade que encontra no campo com aquele com o qual está acostumado e que ele próprio pratica. (GOLDMAN, 2011, p. 202).

Dessa forma, observar essas relações e de que modo o coletivo se apresentou durante o campo se estabelece como parte dos processos de escolhas presentes na prática antropológica, em um cenário de continuidade da colaboração e do contato com os membros da Aliança, o que tornou possíveis as discussões nesse artigo e em outros momentos de investigações em curso.

A escolha dos membros da Aliança rio Doce de morar e conviver com os desdobramentos do desastre a partir do encontro do rio com o oceano em uma pequena vila no litoral do Espírito Santo imprime uma série de negociações, nas quais as dimensões não estão somente alocadas em morar e conviver, mas em resistir e regenerar esses espaços, possibilitando ainda, a partir das relações com os entes da regeneração, reflexões sobre a composição das paisagens em ruínas com Tsing (2019), que define que "Paisagens de perturbação lenta são aquelas que nutrem colaborações interespecíficas" (TSING, 2019, p. 23). No caso do coletivo, notam-se abordagens que demonstram certo despertar para essa composição interespecífica, pois "Em paisagens multiespécies, pessoas sociais de muitas espécies interagem, moldando as vidas uns dos outros de forma variada" (TSING, 2019, p. 66).

Como observamos acima, parte dos membros conheciam a vila de Regência Augusta e mantinha contatos e conexões com o lugar, e sua permanência está associada ao potencial de regeneração por eles observado na comunidade e nos entes que a compõem, o qual se estabelece também para membros que conheceram a comunidade no contexto de desastre. Essas escolhas emergem a partir da troca de modos de vida, no sentido de que os membros da Aliança rio Doce tinham empregos formais e atividades que não estavam ligadas ao desastre.

A permanência e a escolha são formas de observar a movimentação do coletivo em relação a outros aspectos e demandas para compor seu modo de vida. Um exemplo importante está vinculado à criação da Toca do Guaiamum,¹³

¹³ Espécie nativa de caranguejo. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/guaiamum/>. Último acesso em: 30/06/2019.

estabelecida em 2017 como mais um dos espaços do Coletivo Aliança rio Doce, dessa vez reunindo parte dos membros em uma só morada. As especificidades sobre a forma de habitar dialoga com as dimensões de Illich (1975) sobre os questionamentos das capacidades de construir suas próprias casas: “O direito e as finanças estão por detrás da indústria da construção, dando-lhe poder para subtrair ao homem a faculdade de construir a sua própria casa” (ILLICH, 1975, p. 59). A dimensão sobre a construção e a manutenção das casas enquanto espaços que fazem parte da ideia de regeneração retoma aspectos observados em Illich (1975) como parte do processo de constituição da convivecialidade. Esses movimentos podem ser revisitados como por exemplo, na construção da estrutura para receber o Encontro de Cultura Ancestral de Areal em 2017, e mais recentemente nos meses finais do ano de 2020, quando teve início a construção do espaço para oficina de Pote&Planta, que está sendo tocada por membros e parceiros da regeneração.

Para construir a regeneração, os membros da Aliança rio Doce estabelecem suas rotinas e vínculos a partir da elaboração de atividades, eventos, materiais etc., criando suas agendas em torno da busca pela regeneração, como por exemplo, o Coletivo Ceramística¹⁴ e Flor de Rio¹⁵. O Ceramística tem como atividades a produção de cerâmica enquanto expressão de regeneração e ligação ancestral com o território, e o Flor de Rio estabelece relação com as medicinas da terra, nas quais são produzidos fitoterápicos a partir das plantas nativas da região. As duas atividades estão ligadas à terra, contemplando o que é acionado pelo grupo como resgate ancestral, que impulsiona a criação das atividades e motiva a continuidade e a manutenção dos aspectos que compõem o conjunto de elementos que guia a construção da regeneração.

Ao observar as práticas e as outras atividades realizadas, pode-se notar que os membros estão convivendo para além dessas atividades que estruturam a agenda do coletivo. A dinâmica das casas dos membros do grupo se faz interessante no sentido de que são construídas conjuntamente e cotidianamente distribuídas entre os pontos de referência na vila de Regência, e pode-se observar uma atuação coletiva que atravessa o preparo e os horários de alimentação, a meditação, a produção, o estudo, o lazer, etc.

Dentre as atividades realizadas em conjunto, as questões sobre alimentação abrem margem para as discussões de segurança alimentar, bem como a relação com o lixo através da atividade lixo zero, na qual ocorre o reuso e a reciclagem de resíduos. As atividades também os colocam em contato com

¹⁴ Disponível em: <http://www.regenerariodoce.org/projetos-da-regeneracao/coletivo-ceramistica/>. Último acesso em: 25/06/2019.

¹⁵ Disponível em: https://www.instagram.com/flor_de_rio_/?hl=pt-br.

as plantas, pela troca de sementes crioulas, plantio de tabaco e coleta de aroeira para destilação, e com os bichos, através do resgate de animais e conscientização na vila sobre a importância da coexistência com estes seres.

Com isso, buscam aspectos para pensar a bacia do rio Doce sem as atividades ligadas à grande mineração, direcionando-se para elementos nativos e ancestrais enquanto interessantes para a produção de vida na região. Dessa forma, as relações observadas entre os membros da Aliança rio Doce serão dialogadas com as ideias de convivencialidade: "Por *convivencialidade* entendo o inverso de produtividade industrial." (ILLICH, 1975 p. 25).

O Coletivo Aliança rio Doce, em sua criação e organização, passa por processos de ruptura nos quais os membros mudaram suas carreiras, modos de vida e espaços que ocupavam, para discutir e construir futuros possíveis no contexto de desastre. Essas relações de aproximação de sujeitos e rupturas com processos são pensadas em Illich (1975), que discute a sociedade a partir do marcador industrial, "a superprodução industrial ser serviço revela efeitos secundários tão catastróficos e destruidores com a superprodução de um bem" (ILLICH, 1975, p. 8). As ideias em relação à sociedade podem ser recuperadas por parte dos autores acionados para discutir o desastre, mas não estão relacionados a partir das noções industriais como Illich (1975) propõe.

Illich (1975) imprime a noção de sociedade convivencial a partir de uma retomada da agência dos sujeitos, no sentido de que os humanos precisam estar presentes nas ações e as ações integradas às coletividades, assim "Sociedade convivencial é aquela em que a ferramenta moderna está ao serviço da pessoa integrada na coletividade, e não ao serviço de um corpo especialista" (ILLICH, 1975, p. 20). O autor critica os processos de afastamento entre os humanos e suas atividades, como formas de afastar as relações e a importância das ações, como no exemplo em que aciona a medicina como algo relacionado à doença, que interrompeu processos de cura, e toca as ações voltadas para as doenças e não para as curas das pessoas, e como os sujeitos perderam autonomia nesses processos.

A noção de autonomia explorada por Illich (1975) parte da relação com elementos que compõem a constituição das atividades e a forma de se viver junto. Essas dimensões de se relacionar com as atividades que se realiza, procurar viver junto e criar processos autônomos de cura podem ser apontadas como a base dos aspectos da regeneração na foz do rio Doce. O Coletivo Aliança rio Doce estabelece relações no contexto do desastre na bacia e passa a compor um quadro no qual as expectativas de cura e regeneração estão vinculadas à ruptura com elementos, o que para o autor são formas de aumentar o saber e a criatividade. "Uma sociedade convivencial é uma sociedade que oferece ao homem a possibilidade de exercer uma ação mais

autônoma e mais criativa, com auxílio das ferramentas menos controláveis pelos outros” (ILLICH, 1975, p. 37).

O processo de resgate impresso nas ações da Aliança rio Doce tem seus direcionamentos empíricos e teóricos voltados para as relações ancestrais e relacionamentos com as comunidades tradicionais das regiões afetadas. E esses elementos observados a partir de Illich (1975) podem ser discutidos na forma com que o autor recupera aspectos sobre a renúncia da produção industrial e evidencia-a enquanto marcador importante para o que estabelece como convivencialidade. Dessa forma, pode-se aproximar as dinâmicas do coletivo, que buscam estabelecer os modos de vida fora do modelo de mineração tendo como horizonte o resgate ancestral, a uma forma de renunciar ao processo vigente que levou o desastre para os territórios afetados.

O resgate ancestral se apresenta enquanto aspecto que promove a realocação dos olhares e das formas de existir, no sentido de que os processos de cura que se estabelecem nos territórios rompem com as atividades individualizadas. As dimensões de alimentação, comunicação e organização passam a evidenciar que o afastamento produzido pelo modelo econômico vigente enfraquece os corpos e as relações, permitindo assim não somente a ocorrência de desastres, mas também a manutenção dos desastres nos territórios. A ancestralidade representa então o caminho percorrido de modo coletivo e como esses caminhos podem representar a resistência em paisagens alteradas.

Os valores essenciais previstos para a convivencialidade são de interessante destaque, pois apontam para sobrevivência, equidade e retoma a ideia de autonomia, a partir do elemento da criatividade, termos que são observados nas atividades e expressões de regeneração produzidas pela Aliança rio Doce. “Esses valores são fundamentais para toda estrutura convivencial, mesmo quando as leis da moral variem de uma cultura para outra” (ILLICH, 1975, p. 27).

Ivan Illich (1975) estabelece uma série de críticas em relação aos processos de industrialização e os entende como danosos para o desenvolvimento das sociedades e dos sujeitos inseridos nesses contextos. Os níveis de abstração para os modelos políticos e as inferências sobre o governo não serão recuperados nesse texto, tendo em vista que, diante do contexto de desastre, indicam-se as expectativas em relação às pessoas e às suas organizações, estabelecendo uma tentativa de pensar a proposta da convivencialidade não somente nos termos estruturais acionados pelo autor, mas buscando apontar para esses elementos enquanto destaques nas ações empíricas em relação ao desastre.

Dessa forma, pode-se observar que a ruptura dos membros da Aliança rio Doce com suas atividades anteriores e a tomada das ferramentas, para incorporar o vocabulário de Illich (1975), podem ser observadas enquanto elementos presentes nas práticas da Aliança rio Doce. E, com isso, pode-se explorar essa retomada de conceitos que figuram o início das discussões do pensamento ambiental enquanto uma dinâmica de resgate a partir de desastres contemporâneos, e ainda como uma alternativa de resistência. O coletivo busca a regeneração a partir das atividades nos territórios, da história e dos entes presentes na região, com o horizonte para criar alternativas para vidas fora do modelo de mineração mundialmente vigente e essas ações podem ser observadas enquanto a retomada das ferramentas de manutenção da vida por sujeitos em contexto de desastre.

As escolhas realizadas pelos membros do Coletivo Aliança rio Doce podem ainda ser identificadas diante do que propõe Latour (2020) sobre a emergência que se estabelece diante das alterações catastróficas. O autor faz uma passagem mais pontual sobre as mudanças climáticas, e caracteriza elementos que são importantes para pensar os processos nos quais natureza e cultura estão em discussão, buscando alternativas para as transformações dos problemas gerados por essa divisão. Nesse caso, é possível tratar de modo mais direto os desdobramentos do rompimento da barragem de rejeitos de mineração de Fundão enquanto parte desse processo separatório. “De todo modo, não temos escolha, já que a desagregação do antigo formato Natureza/Cultura nos força a retrair o limite de todos os coletivos.” (LATOURE, 2020, p. 241).

O autor propõe as discussões a partir da ausência de tempo para a elaboração de plano para contingenciar as alterações observadas no planeta (LATOURE 2020), e dessa forma, a identificação da ausência de tempo para produzir enormes transformações. O coletivo também se estabelece na produção de um tempo no qual os sujeitos da regeneração apontam que a transformação passa por mudanças nos modos de conduzir suas vivências nos territórios devastados. Assim, essas escolhas podem ser observadas imersas neste processo em que não existe um outro momento para buscar as mudanças em relação ao planeta (LATOURE, 2014).

A composição desses cenários apresenta noções sobre as formas de existir em paisagens alteradas, fazendo com que as indicações de convivencialidade de Illich (1975) sejam uma forma de apontar para a movimentação que tem como horizonte a saída do modelo, no caso do autor, o industrialismo, a partir das relações entre os sujeitos e as ferramentas. A regeneração integral tocada pela Aliança rio Doce pode ser entendida como forma de organizar a retomada das ferramentas, sendo essas ferramentas

históricas de resistências, alavancadas pelo resgate ancestral e direcionadas para a regeneração integral, que se opõe à continuidade irreflexiva dos processos de destruição da bacia e dos seres que compõem essa paisagem.

Considerações Finais

Ao acompanhar as ações do Coletivo Aliança rio Doce durante as atividades de campo entre os anos 2016 e 2018, com a continuidade de contatos com membros do grupo via rede sociais e a partir da manutenção das relações estabelecidas na região da foz, passou-se a observar que as movimentações em relação à ancestralidade e aos caminhos de cura que a regeneração integral na foz do rio Doce procura alcançar estão presentes em elementos históricos da literatura ambiental, como mostramos em Illich (1975), o qual se estabelece contra a produção industrial e a favor da retomada da autonomia dos sujeitos.

Os aspectos que compõem a chamada ecologia radical, na qual Illich (1975) se insere, podem ser então relacionais aos contextos contemporâneos e às formas de se analisar atualmente os processos de investigação e aos estudos que promovem movimentos em relação às paisagens em ruínas (TSING, 2019). Dessa forma, entende-se a necessidade de observar de que forma as dimensões multiespecíficas se fazem presentes nas ações do coletivo, pois, a partir do entendimento de colaboração, das implicações e das formas de atuar e analisar os contextos alterados, pode-se dialogar com as passagens anteriores da ecologia radical.

O movimento que Illich (1975) propõe pode ser observado então como uma dimensão crítica sobre a ausência de um tempo para reparar todos os problemas e a emergência de realizações no presente, assim como aponta Latour (2020). E pode-se refletir de que modo a existência de ações que buscam romper para resistir podem ser responsáveis pela criação dos caminhos para transitar em um mundo perigoso (STENGERS, 2018).

No contexto do desastre na bacia do rio Doce, esses elementos podem ser observados a partir da união de pessoas de diversos lugares, com formações diferentes, mas que passaram a se organizar em torno de um desastre buscando abrir os caminhos para o passado, caminhos para a cura, para a regeneração e, nesse processo, evidenciam elementos importantes para discutir as paisagens alteradas; essas compostas por entes diversos, contextos globais conflituosos, mas também com dispositivos de retomada e busca pela autonomia, melhoramento das relações humanas e não-humanas que possam caminhar para a regeneração integral da bacia do rio Doce, compondo uma discussão que torne possível interromper o processo de produção de desastres em curso pelo modelo de mineração vigente.

Referências bibliográficas

- AGÊNCIA NACIONAL DAS ÁGUAS. 2017. *Base Hidrográfica Ottocodificada da Bacia do Rio Doce - Cursos d'água*. Arquivos em formato Shapefile (.SHP). Brasília, ANA. Disponível em: <https://metadados.ana.gov.br/geonetwork/srv/en/resources.get?id=438&fname=GEOFT_BHO_CURSO_DAGUA.zip&access=private>. Acesso em: 05 dez 2019.
- BICALHO, C. S. 2011 Impactos dos projetos de desenvolvimento na pesca artesanal de Regência Augusta/ES. *Anais do Seminário Nacional da Pós-Graduação em Ciências Sociais-UFES*, vol. 1, n. 1.
- BRAGA, R. 1949. O Caboclo Bernardo.
- CREADO, E. et al. 2017. Práticas de ser, conhecer, pensar e escrever: incertezas e disputas sobre as condições das águas na foz do rio Doce no pós-rompimento da barragem de rejeitos de mineração da Samarco. *Trabalhos Completos Apresentados nos Seminários Temáticos da VI Reunião de Antropologia da Ciência e Tecnologia*, vol. 3 n. 3. São Paulo.
- CREADO, E. TRIGUEIRO A. e TORRES, C. (orgs.) 2018. *Vidas de rio e de mar: pesca, desenvolvimentismo e ambientalização*. 1. ed. – Vitória: ProEx.
- CREADO, E.; HELMREICH, S. 2018. Uma onda de lama: viagem de águas tóxicas, de Bento Rodrigues ao Atlântico brasileiro. *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*, São Paulo, n. 69, pp. 33-51.
- DAS, V. 1995. *Critical Events: An Anthropological Perspective on Contemporary India*. Oxford.
- ESPINDOLA, Haruf Salmen; NODARI, Eunice Sueli; SANTOS, Mauro Augusto dos. 2019. Rio Doce: Risks and Uncertainties of the Mariana Disaster (MG). *Rev. Bras. Hist.*, São Paulo, v. 39, n. 81, pp. 141-162.
- FONTINELLI, D.; CREADO, E. 2020. From food to offspring: engagement between humans and sea turtles in two communities on the north coast of Espírito Santo. *Vibrant: Virtual Brazilian Anthropology*, v. 17. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1809-43412020v17a351>.
- FREITAS, C. et al. 2019. Da Samarco em Mariana à Vale em Brumadinho: desastres em barragens de mineração e Saúde Coletiva. *Cadernos de Saúde Pública*, 35: e00052519.
- GOLDMAN, M. 2011. O fim da antropologia. *Novos estud.* - CEBRAP, São Paulo, n. 89, pp. 195-211.
- ILLICH, I. 1975. *A Convivialidade*. Lisboa: Publicações Europa-América.

- INGOLD, T. 2015. *Estar vivo: ensaios sobre movimento, conhecimento e descrição*. São Paulo: Vozes.
- KRENAK, A. 2019. *Ideias para adiar o fim do mundo*. São Paulo: Companhia das Letras.
- LATOUR, B. 2014. Para distinguir amigos e inimigos no tempo do Antropoceno. *Revista de Antropologia*, v. 57, n. 1, p. 11-31.
- LATOUR, B. 2020. *Diante de Gaia: oito conferências sobre a natureza no Antropoceno*. Ubu Editora.
- LEONARDO, Flávia. A. M. 2014. *Entre o desenvolvimento econômico e a preservação ambiental: O caso da pesca artesanal e a configuração de um cenário de injustiça ambiental em Regência Augusta-ES*. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais – Programa de Pós-graduação da Universidade Federal do Espírito Santo), Vitória.
- LEONARDO, F. et al. 2017. Rompimento da barragem de Fundão (SAMARCO/VALE/BHP BILLITON) e os efeitos do desastre na foz do Rio Doce, distritos de Regência e Povoação, Linhares (ES). *Relatório de pesquisa. GEPPEDES*. Vitória.
- LOSEKANN, C. (Org.). 2016. *Desastre no vale do Rio Doce: Antecedentes, impactos e ações sobre a destruição*. Rio de Janeiro: Folio digital: letra e imagem.
- LOSEKANN, C. et al. 2015. *Impactos socioambientais no Espírito Santo da ruptura da barragem de rejeitos da Samarco Relatório Novembro/dezembro*.
- LOSEKANN, C.; MAYORGA, C. 2018. *Desastre na bacia do rio doce*. Rio de Janeiro: Folio Digital: Letra e Imagem.
- MILANEZ, B. et al. 2016. *Antes fosse mais leve a carga: reflexões sobre o desastre da Samarco/Vale/BHP Billiton*. Editorial iGuana, Marabá, Brazil.
- MILANEZ, B.; LOSEKANN, C. 2016. Considerações finais: desafios para o Rio Doce e para o debate sobre o modelo mineral brasileiro. In: Milanez, B.; Losekann, C. (Org.). *Desastre no Vale do Rio Doce: antecedentes, impactos e ações sobre a destruição*. 11ed. Rio de Janeiro: Folio Digital: Letra e Imagem. v. 1, pp. 401-425.
- PAULA, M. G. 2018. No "inside" tem lama: análise a partir da perspectiva dos surfistas de Regência após o rompimento da barragem de Fundão. In: CREADO, E.; TRIGUEIRO A.; TORRES, C. (Orgs.). *Vidas de rio e de mar: pesca, desenvolvimentismo e ambientalização*. 1a. ed. Vitória: ProEx.
- SALDANHA, M. 2018. *Do Sistema Tripolar Geossistema Território e Paisagem à Geografia Transversal e de Travessias: Uma Abordagem Geográfica do*

- Distrito de Regência Augusta Linhares, ES. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Espírito Santo.
- SANTOS, R. S. P.; MILANEZ, B. 2018. A construção do desastre e a "privatização" da regulação mineral: reflexões a partir do caso do vale do rio Doce. In: ZHOURI, A. (Ed.). *Mineração, violências e resistências: um campo aberto à produção de conhecimento no Brasil*. Marabá: Editorial iGuana; ABA, pp. 111-154.
- SILVA, T. C. 2010. Eventos Críticos: sobreviventes, narrativas, testemunhos e silêncios. *Anais da 27ª RBA- Brasil Plural: conhecimentos, saberes tradicionais e direitos à diversidade*. Brasília: ABA.
- SILVA, B. 2018. "A lama que rolou de cima": Alguns desdobramentos sociopolíticos e sociotécnicos sobre as águas do rio Doce e do Oceano Atlântico na região da foz, após o rompimento da barragem de Fundão-MG. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Espírito Santo.
- SILVA, B.; TORRES, C. 2018. A alimentação enquanto relação visceral com o pescado na vila de Regência e algumas pontuações sobre os seus desvios pós-lama da Samarco. In: CREADO, E.; TRIGUEIRO A.; TORRES, C. (Orgs.). *Vidas de rio e de mar: pesca, desenvolvimentismo e ambientalização*. 1a. ed. Vitória: ProEx.
- STENGERS, I. 2015. *No Tempo Das Catástrofes*. São Paulo: Cosac Naify.
- STENGERS, I. 2018. A proposição cosmopolítica. *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*, 2018, n. 69, pp. 442-464.
- STRATHERN, M. 2014. *O efeito etnográfico e outros ensaios*. Coordenação editorial: Florencia Ferrari. Tradução: Iracema Dullei, Jamille Pinheiro e Luísa Valentini. São Paulo: Cosac Naify.
- TADDEI, R. 2014a. As secas como modos de enredamento. *ClimaCom Cultura Científica* – pesquisa, jornalismo e arte. Ano 01, No. 01 – "Redes".
- TADDEI, R. 2014b. Ser-estar no sertão: capítulos da vida como filosofia visceral. *Interface - Comunicação, Saúde, Educação* [online], v. 18, n. 50, pp. 597-607.
- TADDEI, R. 2016. Os desastres em uma perspectiva antropológica. *ComCiência* (UNICAMP), v. 176, pp. 1-5.
- TADDEI, R. 2017. *Meteorologistas e profetas da chuva: conhecimentos, práticas e políticas da atmosfera*. São Paulo: Terceiro Nome.
- TSING, A. 2019. *Viver nas ruínas: paisagens multiespécies no Antropoceno*. Brasília: IEB Mil Folhas.

- VALIM, H. 2008. Religião e Etnicidade: O Herói Caboclo Bernardo e a Construção da Identidade Étnica na Vila de Regência Augusta-ES.
- WAGNER, R. 2010. *A invenção da cultura*. São Paulo: Cosac Naify.
- ZHOURI, A. (Org.) 2018. *Mineração: violências e resistências [livro eletrônico]: um campo aberto à produção de conhecimento no Brasil*. /. 1a.ed. Marabá, PA: Editorial iGuana; ABA.
- ZHOURI, A. et al. 2016. O desastre da Samarco e a política das afetações: classificações e ações que produzem o sofrimento social. *Cienc. Cult.*, São Paulo, v. 68, n. 3, pp. 36-40.